

**BIOÉTICA: URGÊNCIA DE UM NOVO AGIR MORAL EM HANS JONAS**

**BIOETHICS: URGENCY FOR A NEW MORAL ACT IN HANS JONAS**

*Igor Saplak<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O artigo aborda o tema da ética contemporânea a partir do princípio responsabilidade de Hans Jonas. O pensador intenciona uma nova compreensão ética, mais abrangente e complexa que a ética tradicional. A necessidade de um novo agir moral decorre dos desenvolvimentos técnico-científicos da pós-modernidade. O homem passou a interferir no planeta de tal forma a produzir uma cultura de obsolescência programada. Tanto a biosfera, quanto a própria dignidade humana são ameaçadas dentro desse quadro de imprudente descaso. Jonas propõe uma nova ciência ética, pautada no princípio responsabilidade, contrapondo uma lógica que se descompromete com o presente e com o futuro, entregando-o ao perigo do acaso. O novo imperativo consiste em proteger a vida, que possui valor ontológico. Situando-se a partir da heurística do temor, o agir ético deve guiar a ação humana através da prudência, sendo responsável por proporcionar a harmonia entre homem e natureza. A bioética tem a missão de ser a guardiã da vida, para que ela, em todas as suas manifestações, seja sempre preservada e valorizada em primazia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bioética. Biosfera. Futuro. Prudência. Responsabilidade.

**ABSTRACT:** The article approaches the theme of contemporary ethics from the principle of responsibility by Hans Jonas. The thinker intends a new ethical understanding, more comprehensive and complex than traditional ethics. The need for a new moral action stems from the technical-scientific developments of postmodernity. Man started to interfere in the planet in such a way as to produce a programmed obsolescence culture. Both the biosphere and human dignity itself are threatened within this framework of reckless disregard. Jonas proposes a new ethical science, based on the principle of responsibility, opposing a logic that does not compromise with the present and the future, leaving it to the danger of chance. The new imperative is to protect life, which has ontological value. Based on the heuristic of fear, ethical action must guide human action through prudence, being responsible for providing harmony between man and nature. Bioethics has the mission of being the guardian of life, so that it, in all its manifestations, is always preserved and valued in the first place.

**KEYWORDS:** Bioethics. Biosphere. Future. Prudence. Responsibility.

---

1 Bacharel em Filosofia pela Faculdade Vicentina. Pós graduando em Ética e Direitos Humanos pela Faculdade Vicentina. Contato: igor\_saplak@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Desde o princípio o ser humano procura estabelecer normas de conduta que proporcionem harmonia no convívio social. Com a necessidade de regras, conseqüentemente surge a reflexão moral acerca dos valores das primeiras. No campo da filosofia, a justiça, o bem, a igualdade e a liberdade são assuntos debatidos por diversos pensadores. Pode-se ousar a dizer que a ética é um tema inerente a natureza humana, intrinsecamente ligado ao comportamento do homem enquanto ser político-social.

Estabelecer direitos e deveres é essencial para a sobrevivência e organização de qualquer comunidade, seja ela humana ou não. Assim como homens firmam leis na tentativa de garantir a organização e o mútuo respeito na sociedade, a natureza fornece exemplos de ordem e disciplina por meio de regras de conduta muito bem estabelecidas. Não à toa, abelhas e formigas são sociedades complexamente organizadas, em que cada indivíduo assume responsabilidades e deveres, doando-se ao corpo social. Basta observar por alguns instantes e logo se percebe que a natureza animal tem muito para ensinar ao homem.

O diferencial da espécie humana reside em sua capacidade de alterar o ambiente social por meio da ciência e da técnica. Além de poder refletir e questionar sobre as regras estabelecidas e sobre o seu próprio agir, eis o campo da moral. Porém, o mesmo homem que por diversas vezes, orgulhosamente se autointitula como um ser superior, dominador e transformador da natureza por sua racionalidade, padece de algo que para a natureza é simples e essencial: equilíbrio.

Razão e poder, técnica e habilidade, raciocínio e reflexão, ética e religião, mas o homem não consegue ser dono de si, não consegue ter o autocontrole de suas ações e nem medir suas conseqüências para o futuro. Prova disso são as diversas alterações climáticas e ambientais que impactam diretamente e negativamente na comunidade humana e que comprovadamente são provocadas pela interferência do seu agir. O equilíbrio e a prudência são naturais, mas o homem por meio da técnica, afasta-se de sua natureza.

É preciso que o *Homo faber* ceda lugar ao *Homo sapiens* para que novamente a espécie humana volte a viver em harmonia com a natureza. Hans Jonas notou que essa é uma questão primordial para a sociedade contemporânea, sendo desdobramentos da filosofia ética. Embora a ética tradicional pouco ou nada ter considerado a natureza extra-humana em suas discussões, em Jonas se evidencia a urgência de se observar e se reaproximar da natureza para a construção de uma nova ética mais abrangente, ou seja, a bioética. O planeta Terra é um organismo interligado entre tudo o que nele vive, com efeito, faz-se necessário considerar os impactos da tecnologia na formulação de um novo agir moral, em que o compromisso primordial seja a vida, em todas as suas formas.

O presente estudo objetiva analisar de que modo o princípio responsabilidade de Hans Jonas pretende contribuir para o cuidado com o meio ambiente e com a preservação da vida e da dignidade humana nas futuras gerações. A pretensão é, portanto, colaborar para com uma reflexão ética que alerte sobre os riscos da técnica e possibilite ao homem uma vida digna na atualidade, sem ameaçar as gerações futuras.

Compreende-se a urgência de um novo agir ético, que contribua para que haja harmonia entre o homem atual, o homem futuro e a natureza em geral. Não é finalidade do estudo esgotar o tema, dada sua extrema complexidade, mas sim favorecer no apontamento de possíveis caminhos para o ser humano, questionando os desdobramentos de suas próprias ações.

## 1 DESCONSTRUÇÃO ÉTICA: O NILISMO DO SÉCULO XX

A ética tradicional pautada no princípio aristotélico do *zoon politikon*<sup>2</sup> postulou o ser humano como uma criatura privilegiada por sua racionalidade, capaz de viver em sociedade de maneira virtuosa e feliz. O conceito de superioridade humana prevaleceu sobre outras culturas que entendiam o homem no mesmo patamar dos demais seres vivos da Terra e em harmonia com a natureza. O homem se diferenciou e se afastou da natureza, assumiu uma centralidade absoluta em torno de si e iniciou um processo de secularização. Chega-se à uma infinita valorização da razão, da ciência e da técnica, novas deusas do sujeito moderno. Por meio delas, o indivíduo se torna mais produtivo e esclarecido, superando os obstáculos da natureza e ordenando o mundo conforme suas conveniências, alcançando a sua autonomia por meio de sua atividade cognitiva (MARCONDES, 2007, p. 139-141).

Nesse contexto, Kant desenvolve uma concepção ética do dever<sup>3</sup>. O filósofo estabelece a lei moral, consistente no princípio da boa vontade, ou seja, na capacidade que o homem tem de guiar-se e realizar o bem por meio da razão, alcançando seu esclarecimento. Assim deve ser o seu agir moral, que permite a cada indivíduo sair da menoridade rumo à sua maioridade. Para isso, Kant apresenta o imperativo categórico como aquele que representa uma ação como objetivamente necessária por si própria, sem outra finalidade maior. Ou seja, significa reconhecer a lei moral sem nenhum interesse externo, mas sim agir por ela por considerá-la um bem em si, de forma livre e autônoma (KANT, 2007, p. 50).

Chegado ao século XX, porém, insere-se no âmbito da pós-modernidade, dentro do qual Jonas se situa ao pontuar a insuficiência da ética tradicional. Dentre as características desse período, encontra-se uma profunda insegurança e uma vasta crise, tanto em uma perspectiva econômica, como também acerca do homem valorativo. O homem contemporâneo

2 Tal afirmação define o homem como um ser social, entendendo que para se alcançar a felicidade plena é essencial uma vida harmoniosa em sociedade (ARISTOTÉLES, 2020, p. 27).

3 Ética legalista: cunhada por Kant em sua teoria, é ética do dever se importa com a ação em si e não com as consequências da ação (ZUBEN, 2016, p. 98).

se depara com acontecimentos que colocam a racionalidade e o esclarecimento em xeque. Diante de duas grandes guerras, observa-se que a razão, a ciência e a técnica, instigadas pelo ideal moderno, mostram-se nefastas. Com efeito, o homem é marcado pela incerteza e cada vez mais, percebido como um ser depressivo, vazio de sentido e pronto para falecer (VATTIMO, 1996, p. 17-36).

Para demonstrar a urgência de uma nova ética e compreender o princípio de responsabilidade como tal caminho, é importante contextualizar, ainda que de modo breve, o cenário político-social vivenciado por Hans Jonas. É inegável que o século XX ocasionou uma acentuada desconfiança acerca do ideal racional progressista estabelecido na modernidade. O programa baconiano falhou, pois nele contém uma “ameaça tenebrosa” (JONAS, 2006, p. 235)<sup>4</sup>. Tudo aquilo que antes se planejava e se sonhava para o futuro se demonstra agora ser assustador e violentamente aniquilador. A razão e a técnica ascendente apresentam as suas faces sombrias, tirando a serenidade do homem e colocando nele uma grande dúvida para o futuro<sup>5</sup>.

Afinal, nas mãos de quem está o controle do poder? Quem tem realmente o domínio sobre o planeta Terra após ser diagnosticada a morte de Deus<sup>6</sup>? O homem até então convicto de si e do caminho a ser seguido, passa a cogitar que o poder está fora de controle, tornando-se um monstro desgovernado. O martelo nietzschiano já havia destruído teoricamente as certezas humanas, os fatos ocorridos no século XX apenas corroboraram para colocar de vez o homem em uma situação de um vazio existencial, um limbo ético<sup>7</sup>.

4 Jonas define por programa baconiano a dominação da natureza por meio da ciência e do saber. O perigo de tal ideal reside no fato de que o êxito em conquistar a natureza (gerando excesso de produção e consumo) importa prioritariamente, marginalizando a ética e a prudência nas ações técnico-científicas produzidas pelo homem. Faz-se necessário um novo poder que seja capaz de moderar e limitar o atual poder do êxito excessivo, ou seja, é preciso encontrar um novo poder regulador - que restitua a liberdade ao homem - sobre o atual poder que se tornou tirânico e escraviza o homem. Ao se questionar sobre de onde viria tal poder capaz de reestabelecer ao ser humano o controle sobre o atual poder, Jonas chega à conclusão de que ele deve surgir da própria sociedade, que percebendo o capitalismo exagerado como uma ameaça, deve procurar uma alternativa pautada na responsabilidade e na prudência para enfrentar o eminente perigo e ajustar o sistema. (JONAS, 2006, p. 235-238).

5 A brutal violência provocada pelo holocausto nazista, bem como pelas duas grandes guerras mundiais são os maiores exemplos de que o ideal moderno do progresso humano por meio da ciência e da técnica não funcionou como o esperado. Após a modernidade, descobriu-se que a ciência não é neutra e a técnica serve a interesses muitas vezes não tão nobres, elas deixaram de apenas andar ao lado da natureza, auxiliando-a sempre que preciso, passando a transforma-la e substitui-la sem avaliar as consequências de tal impacto. Com efeito, aqueles que as controlam se afastam da natureza e colocam em primeiro plano, acima de tudo e de todos, seus próprios objetivos. Enquanto seus possuidores se deixam levar pelo ódio e pela ambição, a ciência e a técnica se transformam em armas extremamente perigosas e fatais. Daí, reforça-se a necessidade de uma ética comprometida em questionar também os valores e interesses técnicos científicos do mundo contemporâneo (OLIVEIRA, 2015, p. 77-87).

6 Com o diagnóstico do fim da metafísica, Nietzsche apontou a desvalorização dos valores supremos, ou seja, o ser humano se encontra sem fé, caminhando a um processo de niilismo em sua história. Heidegger reforça a visão niilista ao afirmar que o ser, independente e fundante, se aliena ao poder, passando a servi-lo e perdendo o contato com a realidade. A técnica emergente atribui maior valor saber fazer perante o para que e porque fazer. Logo, há a redução do ser que passa a se dissolver em valor de troca (VATTIMO, 1996, p. 03-16).

7 Com a morte da metafísica a verdade única e plena dá lugar para diferentes verdades, que resumem o conceito de pós-moderno. Aquilo que estava estabelecido é descoberto como sendo apenas uma narrativa de verdade, não exclusiva. Destruídas as certezas humanas, o indivíduo pós-moderno adentra em um limbo de possibilidades, em que a verdade é aquilo que agrada aos desejos. Isso possibilita um mercado de verdades, que são produzidas a gosto do cliente. Todos esses fatores contribuem para a insuficiência da ética tradicional, que não se sustenta mais, pois se perdeu um critério ético para ser seguido. A condição humana é colocada em xeque, tudo se torna um delírio dentro de um universo de possibilidades (TIBURI, 2017, p. 81-108).

Mergulhada neste imenso vazio, a sociedade encontra-se fragmentada, insegura e receosa. Com diversas opiniões e informações, mas incapaz de dialogar e concordar, abandona-se a metafísica e os valores, pois a ética já não abrange a complexidade da pós-modernidade. De uma vez por todas, a sabedoria é substituída pela técnica e conseqüentemente o *homo sapiens* dá lugar ao *homo faber*. Nas escolas, cada vez mais se preza pelo ensino técnico e financeiro perante ao ensino das ciências humanas, da arte, da moral. Produzir sem limites passou a ser a rotina do homem, bem como consumir sem limites passou a ser o seu único lazer, a sua constante distração (JONAS, 2006, p. 269-272).

Vislumbra-se ainda, um cenário cada vez mais preocupante, na medida em que a biosfera, literalmente, está sendo atacada<sup>8</sup>. A medida em que a natureza está sendo fortemente explorada e destruída por um sistema de consumo e obsolescência programada, por consequência, o homem, agente da destruição, se autodestrói (JONAS, 2006, p. 39). Todo um sistema entra em colapso, a *linguistic turn*<sup>9</sup> se apresenta como o resultado de uma atribulação ontológica, provocada por uma conjuntura de novas crises: da ontologia, da verdade, da estética, da lógica e dos valores. A linguagem é o meio pelo qual o homem pretende sair do abismo, conhecendo e construindo suas relações com o outro e com o mundo a partir de uma radical e rigorosa reformulação linguística (BRÍGIDO, 2018, p. 25-29).

Há uma evidente ruptura com a filosofia moderna, a centralidade da reflexão filosófica deixa de ser o consciente e passa a ser a linguagem. A origem e a solução para a problemática contemporânea residem não mais na razão ou na consciência humana e sim no discurso, no diálogo, na forma como o homem expressa e constrói o seu mundo por meio da linguagem.

Portanto, existe uma conseqüente desconstrução valorativa a partir do século XX, a teoria ética tradicional deixou de atender a demanda da sociedade complexa. É neste cenário de urgência, que surge a necessidade de uma reformulação moral, rompendo com os paradigmas da ética tradicional que se preocupa exclusivamente com a consciência e com o agir humano, alheio ao restante da natureza. Tal ética inovadora e inclusiva, preocupada com as relações extra-humanas se define como bioética.

A bioética é a busca de soluções para os conflitos de valores do mundo da intervenção biomédica, tecno-científica e das ciências que ocupam da discussão na preservação da vida. É a ciência ética que aborda, reflete, pesquisa, questiona e desenvolve as definições que delimitam as particularidades e ordem da perspectiva ética na pós modernidade. (DURAND, 2014, p. 101)

Hans Jonas é o pensador que aborda a técnica como um problema ético filosófico,

8 Potter (2016, p. 29) aponta o homem como o câncer do planeta Terra: “nós somos como um câncer cujas células estranhas se multiplicam sem restrição, exigindo cruelmente o alimento de eu todo o corpo tem necessidade...”. Em outras palavras, podemos perguntar se o destino humano é ser pela terra viva o que o câncer é para o homem?”

9 Importante desenvolvimento filosófico ocorrido durante o final do século XIX e dentro do século XX, a *linguistic turn* ou *giro linguístico* faz nascer a filosofia da linguagem, que até então, era tratada como algo secundário, instrumento auxiliar da filosofia (BRÍGIDO, 2019, p. 01).

refletindo sobre a humanidade, a natureza e o mundo como interligados e interdependentes. Ao abordar o tema do transumanismo e dos limites da técnica a partir do princípio responsabilidade, tem-se em vista a necessidade da preservação da própria vida, que deve ser zelada e garantida no presente e no futuro distante. O princípio responsabilidade se apresenta então, como uma virada ética, rompendo com os paradigmas da ética tradicional ao incluir o a realidade extra-humana e o futuro da biosfera em seu discurso moral.

A preocupação com a garantia da continuidade autêntica da vida humana e extra-humana no futuro exige que a própria responsabilidade, que é ontológica no homem, continue a existir no futuro de modo ontológico. No entanto, para que isso ocorra exige-se a existência no futuro de homens autenticamente capazes de poder exercê-la, isto é, de homens portadores da liberdade e da própria responsabilidade ontológica. [...] Dito de outro modo, constituir-se portador de responsabilidade significa garantir a presença e a continuidade da responsabilidade ontológica na humanidade futura. (OLIVEIRA, 2015, p. 133-134)

Com o princípio responsabilidade, Hans Jonas proporciona uma inovadora reflexão sobre o ser e a sua natureza ética. Ao estudar antropologia e biologia filosófica, o pensador judeu chegou à conclusão de que onde há vida, há esforço para continuar vivo, ou seja, existe resiliência perante a morte. Logo, viver é bom e tudo aquilo que vive quer continuar vivendo, de modo que a vida merece ser protegida e cuidada. A vida tem um fim em si mesma e o novo imperativo categórico é: não fazer nada que a empobreça (OLIVEIRA, 2015, p. 66-74).

## 2 HEURÍSTICA DO TEMOR: TEMER MAIS E ARRISCAR MENOS

Diagnosticado o profundo esvaziamento destrutivo da pós modernidade e a insuficiência da ética tradicional, Hans Jonas discute a importância de um novo modelo ético interdisciplinar, que vise assumir a responsabilidade diante dos riscos que a tecnologia oferece a biosfera. A nova ética se compromete com o meio ambiente e com a técnica e se eleva a um patamar de guardião da vida, totalmente responsável pelas consequências das escolhas humanas perante todo o ecossistema. O homem assume a responsabilidade por todas as suas ações, no presente e no futuro, não mais podendo terceirizar a “culpa” para Deus ou para as leis da natureza pelos impactos causados através de sua interferência no meio ambiente.

O novo modelo ético é pautado pelo cuidado e pelo compromisso. Consciente do poder que está em suas mãos, o homem necessariamente deve zelar pela vida tendo a obrigação de agir responsabilmente. Logo, o que Jonas propõe não é retroceder e deixar de agir e de interferir, pois isso seria impossível, mas sim interferir com responsabilidade, por meio de um estudo competente e interdisciplinar: a bioética, nova guia das ações humanas. É como se toda ação humana devesse sofrer um julgamento ético antes de serem efetuadas, sendo colocadas na balança os riscos assumidos e as vantagens recebidas, numa espécie de tribunal ético.

Não assumir riscos é a premissa da nova ética, de modo que o temor vale mais que a confiança de que tudo vai dar certo. A prudência é a primeira virtude do agir bioético, aquele que age prudentemente teme o desconhecido e nada aposta contra ele. Para Jonas (2006, p. 77) “é necessário dar mais ouvidos à profecia da desgraça do que à profecia da salvação”<sup>10</sup>. Em analogia a um jogo de tiro ao alvo, as chances de erro são muitas e maiores do que as chances de acerto, por isso é preferível não apostar e arriscar. Tal preocupação diante de possíveis consequências é uma forma de responsabilidade, pois o medo permite zelo pelo futuro.

O medo se torna a primeira obrigação preliminar de uma ética da responsabilidade. É do medo fundado que deriva a atitude ética fundamental, repensada a partir da vontade de evitar o pior. Hans Jonas entende que o medo é primordial para uma ética da responsabilidade, pois é através dele que o ser humano poderá agir e refletir sobre o destino da humanidade. (BASTTESTIN, 2010, p. 76)

Pode-se apontar o medo como um remédio para a patologia da técnica. O ditado popular afirma que: quando se está doente, aprende-se a valorizar a saúde; a prudência, porém, ensina a se precaver da doença. Assim a nova ética da responsabilidade deve se basear na heurística do temor. É o temor que possibilita, diante do contexto de desastres ambientais e desconstruções valorativas, o resguardo e a precaução para não se colocar nenhuma vida em risco. O que Hans Jonas defende é que frente as dúvidas, o errado é o que deve ter primazia, para, desse modo, não deixar margens aos perigos de mais destruição (OLIVEIRA, 2015, p. 170).

A partir da heurística do temor chega-se à conclusão de que todas as coisas possuem uma finalidade para a existência, independentemente dos seres, todos possuem um fim, que se encontra simplesmente na própria existência. Da mesma forma que um martelo, desde sua criação, existe para martelar e, conseqüentemente, tem por finalidade martelar, o temor diante da morte evidencia a responsabilidade para com a vida como o fim último do ser humano (JONAS, 2006, p. 109).

Embora a vontade de viver seja o fim último de tudo que existe, deve-se duvidar de que a vida da espécie humana esteja garantida eternamente por uma lei divina. O destino humano é desconhecido e não pode ser previsto e garantido. Potter (2016, p. 54-55) alerta sobre o risco de se incorrer em um erro ao acreditar que Deus proverá um futuro sempre seguro ao homem. Afinal, o homem não exerce mais um papel de centralidade e exclusividade perante a natureza e precisa dela para sobreviver (OLIVEIRA, 2015, p. 163). Somente quando se tem a consciência de que algum mal pode acontecer, é que se busca soluções para antecipar-se, prevenir-se dele.

Com efeito, ainda que o progresso deva ser incentivado, ele não deve ser buscado a

10 A profecia da desgraça ou do mal “é feita para evitar que ele se realize; e seria o máximo da injustiça zombar de eventuais alarmistas, pois o pior não aconteceu: ter se enganado deveria ser considerado um mérito” (JONAS, 2006, p. 204).

todo custo, por meio de um exagerado otimismo que a ciência tudo será capaz de resolver<sup>11</sup>. É preciso encontrar um caminho responsável e cauteloso para o progresso humano se tornar seguro. O papel da bioética é justamente refletir sobre os possíveis caminhos, fazendo uma “ponte para o futuro” por meio de uma reflexão rigorosa e cuidadosa (POTTER, 2016, p. 53-62).

Evidentemente o progresso é algo desejado, toda espécie vivente deve progredir para ser capaz de continuar vivendo. Mais que evoluir, progredir significa se movimentar em direção a um objetivo pretendido. No entanto, no caso da espécie que detém o conhecimento e o poder, Potter (2016, p. 63) questiona: “qual é o objetivo? Que direção é à frente?”

Somente um debate ético filosófico poderá fornecer as possíveis respostas para tais indagações. O homem tem o poder da ciência em suas mãos e “a ciência é conhecimento, mas não é sabedoria. Sabedoria é o conhecimento de como usar a ciência e de como equilibrá-la com outros conhecimentos” (POTTER, 2016, p. 70). “A humanidade necessita urgentemente de uma nova sabedoria que forneça o ‘conhecimento de como usar o conhecimento’ para a sobrevivência e para o melhoramento da qualidade de vida” (POTTER, 2016, p. 27).

Para que não se torne perigoso, é preciso que todo o conhecimento técnico-científico passe sempre pelo crivo da bioética, que tem a função moral de fornecer conclusões sábias para preservar a vida<sup>12</sup>. Mais importante do que evoluir e se adaptar as mudanças é preparar e construir um caminho que possibilite um ambiente equilibrado. Afinal, no jogo da sobrevivência *versus* extinção, a história mostra que mesmo as espécies mais aptas não resistiram as drásticas mudanças ambientais. Portanto, é mais útil tomar medidas de precaução para continuar sobrevivendo e progredindo (POTTER, 2016, p. 69).

É preciso superar a lei da seleção natural e a prepotência humana de se considerar uma raça superior e precaver-se contra possíveis mudanças ambientais futuras para prevenir a extinção da espécie. Deve-se aceitar tal possibilidade como um risco real e assumir novas ideias de conscientização. “Apenas o *ser humano* tem a capacidade de pensar sobre o futuro e apenas o *ser humano* tem o poder de tomar medidas para prevenir sua própria extinção” (POTTER, 2016, p. 127).

Mais do que capacidade, o homem tem a obrigação moral de tomar medidas para não somente prevenir a sua própria extinção, como garantir a preservação de toda a biosfera. Tudo o que existe na natureza, luta para continuar existindo. Existe naturalmente um “sim ontológico a vida”, que no caso do homem ganha “a força de um dever” (JONAS, 2006, p.

11 Jonas repudia a crença de que a ciência sempre suprirá os problemas que aparecerem, ou seja, uma crença na onipotência da ciência. “A esse tipo de crença pertence a confiança de que ‘a técnica’ será capaz de dominar os problemas que ela criou e que basta aperfeiçoá-la para descobrir o remédio contra os males que ela provoca. ‘Somente a espada que causou a ferida pode curá-la.’” (JONAS, 2006, p. 205-206).

12 Potter cunhou o termo *conhecimento perigoso*: “quando falamos de conhecimento perigoso, temos de admitir de uma vez que o conhecimento em si não pode ser inerentemente bom ou ruim. O que deu credibilidade à concepção de conhecimento perigoso é que o conhecimento é poder e, uma vez disponível, ele será usado pelo poder sempre que possível. O conhecimento conquistado nunca pode ser deixado para recolher poeira em uma biblioteca ou bloqueado com sucesso em um cofre. Ninguém se preocupa com o conhecimento que não é usado. São os usos conferidos a ele que o tornam perigoso ou útil. [...] deve-se concluir que não é do conhecimento perigoso que temos de ter medo, mas da ignorância perigosa” (POTTER, 2016, p. 90-91).

152).

Esse “sim” que atua cegamente adquire uma força obrigatória em virtude lúcida do homem, o qual, como resultado supremo do trabalho finalista da natureza, não somente é um continuador da obra desta, mas pode converter-se também em seu destruidor, graças ao poder que o conhecimento lhe proporciona (JONAS, 2006, p. 152).

Além de continuar a existir, o ser humano deve se responsabilizar por preservar e continuar o trabalho da natureza. A ética da responsabilidade tem a missão de reforçar este dever do homem contra a sua capacidade destruidora (técnica). O domínio deste poder perigoso, exige uma ética que garanta o direito a vida no presente e no futuro, com efeito, “aquilo que não existe não faz reivindicações, e nem por isso pode ter seus direitos lesados” (JONAS, 2006, p. 89).

De tal forma, além da prudência, outra grande virtude bioética é a humildade. A humildade em saber que o futuro não é certo e garantido para o homem, que embora possua conhecimento e poder, não é onisciente, nem onipotente. Um indivíduo humilde tem a competência de ouvir e respeitar o outro, mas sabe e tem argumentos para se posicionar perante as necessidades. Pessoas humildes são capazes de dialogar, por saberem que não são donas da verdade, estão dispostas a aprender e trabalhar em equipe para construir o futuro em favor da vida. Sobre isso, Potter (2016, p. 166-167) afirma:

Alguém disse uma vez que grande parte do problema no mundo é causado por pessoas que estão convencidas de que elas conhecem o verdadeiro caminho para os outros seguirem. Como cientista e biólogo, inclino-me a enfatizar que o futuro não pode ser predito e que nenhum caminho simples pode ser garantia de sucesso. [...] humildade em que admitimos que nenhum de nós conhece como a sociedade deveria avançar, uma humildade que nos faz ouvir a fim de utilizar o pensamento dos outros. Precisamos da humildade que não é meramente uma máscara de incompetência, mas uma humildade que está disposta a pôr sua medida de competência em linha, disposta a passar por cima da fronteira disciplinar, disposta a criticar e ser criticada, disposta a modificar e desenvolver uma percepção pessoal apreciada em uma hipótese de trabalho ou em uma ação política para um grupo. Assim, estou defendendo grupos interdisciplinares em que os membros são competentes em sua disciplina, mas não sem humildade.

A humildade também permite reconhecer aquilo que há de mais importante entre: alcançar o progresso material pessoal e contribuir para que todos tenham uma vida digna se fosse necessário escolher apenas uma opção. Potter (2016, p. 167) afirma que “há certos problemas que superam todos os outros quando pensamos sobre ‘a ciência e o futuro da humanidade’”. Antes de se preocupar com o seu próprio progresso financeiro, um cientista ou qualquer indivíduo comprometido com a sociedade, deve se ater aos problemas essenciais para a sobrevivência humanitária.

Os problemas essenciais para a sobrevivência são, segundo Potter (2016, p. 167), população, paz, poluição, pobreza e política. Somente após esses temas urgentes é que pode se

preocupar com o progresso, pois sobreviver é necessário para progredir. “Na realidade, temos feito exatamente o contrário. Temos nos centrado no ‘progresso’ em termos de bens materiais e avanço tecnológico como se fossem fins em si mesmos”<sup>13</sup> (POTTER, 2016, p. 167). É diante de tal dilema que Hans Jonas (2006, p. 232-233) impõe um novo dever:

Sob a mesma luz aparece então o novo dever. Nascido do perigo, esse dever clama, sobretudo, por uma ética da preservação, da preservação e da proteção, e não por uma ética do progresso e do aperfeiçoamento. [...] Assim, o ‘não ao não-ser’, e, em primeiro lugar, ao ‘não-ser’ do homem, constitui, até nova ordem, a forma prioritária de como uma ética de emergência, voltada para um futuro ameaçado, deve transpor para a ação coletiva o ‘sim ao Ser’, que o conjunto das coisas acabou por tornar um dever humano.

O objetivo da nova bioética é o de que toda a humanidade se beneficie do conhecimento disponível. Por meio de estudos interdisciplinares potencializar e construir o melhor ambiente possível, com educação, saúde, esporte, lazer e produtividade, ao invés de progredir geneticamente uma “raça ideal” por meio de remédios e transplantes. Não se trata, portanto, de preterir uma vida em função de outra, não significa escolher a melhor e mais preparada vida e sim de capacitar todas. Por meio da heurística do temor, os membros sociais devem reconhecer a incerteza do futuro, contribuir e se responsabilizar por construí-lo de maneira harmônica, sem lesar a natureza.

### **3 VIRADA ÉTICA: O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE COMO MODELO PARA O FUTURO**

Para o futuro ser possível, uma virada ética é necessária. Novos fundamentos que englobem a complexidade das questões do transumanismo, dos recursos naturais do planeta Terra e da dignidade da vida extra-humana, devem ser moralmente avaliados. As ações técnico-científicas não devem mais serem executadas sobre a ordem do poder, mas sim sobre o dever ético do novo imperativo axiomático: não fazer nada que apresente risco a vida (JONAS, 2006, p. 47-48).

Cabe ao homem atual a responsabilidade moral de proporcionar uma dignidade de vida para as futuras gerações e não as abandonar à mercê das consequências de ações imprudentes de seus ancestrais do século XXI. O sim ontológico a vida que, como já mencionado, para o ser humano vira dever, possibilita que a responsabilidade se desloque para o centro da moral, como aponta Jonas (2006, p. 217):

Portanto, no caso do homem, e apenas nesse caso, o dever surge da vontade como

---

13 Por outro lado, Potter (2016, p. 168) reconhece que “há um grupo genuíno (de estudantes) que coloca os problemas prioritários da população, paz, poluição, pobreza e política, acima do progresso material pessoal”. Este grupo de estudantes realmente comprometidos com a humanidade, Potter nomeia como *sobrevivencialistas*.

.....  
autocontrole do seu poder, exercido conscientemente: em primeiro lugar em relação ao seu próprio Ser. [...] assim, aquilo que liga a vontade ao dever, o *poder*, é justamente o que desloca a responsabilidade para o centro da moral. Dessa forma, o poder é o que torna o homem o guardião responsável pela natureza e por si próprio.

O ser humano assume o dever da responsabilidade por ter consciência de suas vontades e por possuir o poder para realiza-las, e ao mesmo tempo, para se autodestruir. Logo, mais do que dever ser responsável simplesmente por poder ser, “ao homem a responsabilidade se impõe com uma radicalidade e força ontológica, como um imperativo ontológico”, do qual “depende a sobrevivência real de seu ser, seu sentido e abertura para o futuro” (OLIVEIRA, 2015, p. 132).

É somente assumindo a responsabilidade para si, que o homem poderá continuar existindo no futuro. Construir um ambiente seguro para o futuro é a maior obrigação da sociedade atual, de forma que a maior virtude bioética é a própria responsabilidade. Porém, é preciso questionar como é agir responsabilmente e quais os exemplos práticos de uma atitude prudente, humilde e responsável? Oliveira (2015, p. 143) responde que não se trata de estabelecer regras ou normas estáticas para o futuro, pois, justamente ao contrário, “a ética jonasiana pretende garantir o direito e a possibilidade de escolha das gerações vindouras”.

O caminho é primeiramente questionar o comportamento do *homo faber* atual, proporcionando uma reflexão sobre a moralidade de seu agir. É preciso colocar na balança o agir técnico-científico, considerando seus benefícios e seus riscos a curto, médio e longo prazo. Somente decisões prudentes e comprometidas com a sobrevivência possibilitarão que as próximas gerações tenham o seu direito de escolha assegurado.

Ainda que Jonas (2006, p. 262-265) reconheça a impossibilidade de uma sociedade perfeita, em que a injustiça, a violência e a miséria sejam totalmente aniquiladas, a “necessidade em despir-se do ideal utópico”, não implica a desistência por um futuro. Nada deve ser pretexto para deixar de agir com responsabilidade. Ainda que “confirme-se o fato de que homens são homens e não anjos”, faz-se urgente a conscientização e mesmo a coerção se preciso for. O que não pode acontecer é deixar de agir e entregar o futuro ao acaso.

Invocando o conceito da compossibilidade leibniziana<sup>14</sup>, Jonas (2006, p. 281) deseja alcançar “o melhor dos Estados possíveis”, ou seja, um Estado possível de se tornar real e não um Estado ideal. É preciso se esquivar das utopias para haver a possibilidade de se criar objetivos alcançáveis no mundo real, “nas condições reais, levando-se em conta os limites da natureza e a imperfeição dos seres humanos”. Para o melhor dos ambientes possíveis se consolidar:

primeiro, a ética precisa conseguir o máximo de informações sobre as consequências previsíveis em longo prazo das nossas ações coletivas no presente e, segundo,

14 Compossibilidade: quando há possibilidade de dois ou mais seres existirem no mesmo ambiente de maneira sustentável. Para Leibniz, o mundo que existe é o melhor dos mundos possíveis, pois um mundo melhor é impensável e, portanto, impossível de ser racionalmente provado por meio de argumentos lógicos. O que define este mundo real como o melhor dos mundos é suas características da diversidade e da compossibilidade, o que não significa ausência do mal (ZUBEN, 2019, p. 25).

.....  
ela deve buscar um ‘conhecimento dos valores’, com a união das mais diferentes ciências, de modo a poder orientar as ações dos homens no presente (OLIVEIRA, 2015, p. 144).

Tais objetivos demonstram a complexidade do problema bioético. A tarefa não é simples e por isso exige uma ruptura de fronteiras. Faz-se necessário um acordo global sobre os direitos humanos, que devem ser defendidos sem barreiras e acima de patriotismos. Jonas (2006, p. 292-293) aponta que a maior dificuldade da sociedade contemporânea quanto a sensibilidade humana reside na distância. Isso significa que quanto mais longe um povo que apela contra a miséria se encontra, mais insensível e invisível aos olhos de uma possível ajuda ele fica.

Além de conseguir as informações sobre as consequências do agir presente, faz-se urgente criar planos de ações concretas para defender os direitos de todas as pessoas de maneira universal e interligada. Nenhuma vida deve ser abandonada, a dignidade humana deve ser garantida sempre. Para isso ser viável, o imperativo jonasiano volta-se primeiramente a política pública, de modo que a obrigação do princípio responsabilidade recaia com mais força sobre o edifício político-social como um todo, do que a indivíduos isolados (OLIVEIRA, 2015, p. 168).

Criar uma cultura do cuidado e do compromisso, por meio de políticas públicas competentes e coerentes com o princípio responsabilidade é, portanto, uma missão do corpo social contemporâneo. Isso não exclui, porém, o dever individual, pois a sociedade é constituída por particulares, logo, todo membro deve contribuir para produzir um ambiente seguro, com conhecimento e educação disponível a todos.

Todo indivíduo deve ser motivado a agir e produzir o seu máximo, para além do significado capitalista de produção. A sociedade deve fornecer o preparo necessário e, até mesmo, exercer uma certa pressão sobre seus cidadãos, para que estes se tornem cada vez mais produtivos e comprometidos com o bem comum. Toda ação do poder público deve ter como meta principal a inserção social de seus indivíduos, para que estes produzam ao máximo e contribuam com um conhecimento interdisciplinar (POTTER, 2016, p. 130-133).

Construir esse ambiente de máxima produção não significa multiplicar o conhecimento por meio do aumento da produção técnica, pois o planeta jamais suportaria essa “agressão multiplicada” de uma nova revolução industrial<sup>15</sup>. Ao contrário, esse esforço máximo que cada pessoa deve ter consiste em pensar alternativas para nivelar e equilibrar a capacidade produtiva existente, por meio da observância ao princípio responsabilidade (JONAS, 2006, p. 294-295).

---

15 Jonas reforça o fato de que a Terra possui um limite em sua capacidade produtiva e recuperativa e que, embora não esteja claro até onde o planeta pode suportar, é necessário se preocupar com ele. Deve-se primeiramente preocupar-se com a saúde do planeta, para somente depois, se for seguro, pensar no lazer e no conforto humano. Encontrar esse limite da Terra “situa-se no domínio de saber da jovem ciência ecológica”. Ainda que todas as previsões sejam incertas, um agir defensivo é necessário, pois toda energia empregada para o consumo humano, transforma-se em calor e sem nenhuma defesa, a humanidade perecerá diante do aquecimento do meio ambiente (JONAS, 2006, p. 301-306).

Nada do que dissemos antes deveria ser compreendido como um desestímulo a esse ou a qualquer outro progresso técnico [...] seria preciso, apenas, que utilizássemos esse presente de forma sábia e moderada, assumindo um ponto de vista de responsabilidade global e não o da grandiosa esperança planetária. Em primeiro lugar, deveríamos calcular onde se encontram as fronteiras naturais ou onde começam os patamares críticos, nas circunstâncias em que fôssemos cumulados com tamanha riqueza. [...] pois seria melhor antecipar os patamares críticos do que aguardar a chegada até eles. Para tal, necessitamos de uma nova ciência que saiba lidar com a enorme complexidade das interdependências. Enquanto não existirem projeções seguras – levando-se em conta, particularmente, a irreversibilidade de muitos processos em curso -, a prudência será a melhor parte da coragem e certamente um imperativo da responsabilidade. (JONAS, 2006, p. 306-307)

O modelo ético do futuro se apresenta definitivamente como uma inversão metafísica, tirando toda a culpa da providência divina e colocando a responsabilidade da ação para o próprio ser humano (JONAS, 2016, p. 18). A partir dessa inversão, que não significa a exclusão de Deus na história humana, Jonas (2006, p. 345) define “a natureza do homem aberta ao bem e ao mal”, renunciando a utopia da existência de um homem ideal. O ser humano tem aptidão tanto para ser bom, quanto para ser mal, é preciso respeitar que a natureza o fez ambivalente e que jamais será totalmente imune aos erros, pois um ser perfeito não é humano.

Assim, são as escolhas que lapidam o homem, que é um ser livre e consciente e, somente por isso, pode assumir responsabilidades. Com efeito, pequenas atitudes podem, aos poucos, transformarem o modo de pensar e de agir de uma sociedade inteira, formando uma cultura do compromisso. Acreditar é fundamental para a transformação de um ambiente. Quando os membros de uma sociedade se sentem úteis e importantes para o conjunto social, têm-se um povo livre e soberano, que se compromete e se desenvolve para o bem da humanidade. Produtividade e felicidade estão interligadas, um indivíduo comprometido alcança sua felicidade (POTTER, 2016, p. 75-87).

Para construir o futuro é preciso uma educação prioritariamente humanitária, antes de ser técnica e financeira. Somente por meio dela os indivíduos poderão alcançar uma nova compreensão da natureza humana, interessando-se em preservar e proteger a vida antes de aprender a produzir e lucrar. Pessoas livres, com coragem para enfrentar um sistema que padroniza e aprisiona, pessoas que acreditam em outras alternativas, são as responsáveis por proporcionar um progresso cultural por meio de respostas espontâneas. Ideias transformam o ambiente e possibilitam um novo agir para as futuras gerações (POTTER, 2016, 121-127).

A sobrevivência deve ser o objetivo primordial, preocupar-se com o bem-estar e com comodismos e luxos ficam em segundo plano. Explorar o meio ambiente a todo custo para proporcionar uma melhor qualidade de vida para aqueles que podem comprar os produtos oferecidos parece estar na contramão do princípio responsabilidade. Em todos os sentidos, o preço por esse consumismo é alto e todos pagarão.

Quanto mais as relações da sociedade contemporânea são complexas, mais exigente

deve ser o agir bioético. Jonas (2006, p. 202-204) identificou a drástica mudança que a tecnologia proporcionou, onde se migrou de uma situação estática para uma situação dinâmica. A mudança é inevitável e faz parte do modo de ser do tempo atual, mas o cuidado e o temor são sempre necessários. Diante de uma “zona de penumbra” que o progresso técnico-científico ocasionou, é preferível se enganar com o pessimismo e o alarmismo do que arriscar e se tornar culpado por tragédias futuras, que poderiam ser evitadas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da proposta de reflexão do presente artigo, conclui-se que a necessidade de um novo agir moral se pauta em um resgate daquilo que mais deve ser cuidado: a própria vida. O domínio da responsabilidade consiste em contribuir com a preservação da mesma, que constantemente vem sendo ameaçada e negada. A bioética se constrói com o entendimento de que tudo no planeta está interligado e é interdependente, de modo que toda interferência humana, se não bem guiada, gera consequências perigosas a toda biosfera.

O princípio responsabilidade de Hans Jonas tem por objetivo ser o guia das ações técnico-científicas e estabelecer um limite seguro a elas. Ao analisar a tecnologia avançada e a própria vida do homem, o filósofo compreende que o ser humano necessita urgentemente precaver-se e encontrar caminhos alternativos contra um sistema altamente produtivo, materialmente falando. É necessário levar em consideração o cuidado com as ações presentes e futuras para garantir maior longevidade a existência do ser, que se apresenta em toda e qualquer forma de vida.

O novo agir moral pautado na responsabilidade com a vida é essencial para a realização plena do ser humano. Somente assumindo tal compromisso é que o homem poderá ser verdadeiramente livre e senhor de si, entendendo a vida como organismo e espírito, ou seja, como um fenômeno completo para além de qualquer materialismo científico. Tais são as chaves para um futuro mais ético e responsável, comprometido com a totalidade da vida.

Produzir um ambiente mais favorável a vida é o lema implícito de toda filosofia jonasiana. Embora não exista um sistema ideal de sociedade plenamente justa e igualitária, mudar de perspectiva e assumir um discurso comprometido, gera ações responsáveis. Cada pessoa conscientizada por meio de uma boa educação, que assuma responsabilidades cotidianas simples, como o compromisso com o seu próprio animal de estimação, ajuda a gerar uma cultura do respeito e do cuidado.

Refletir e questionar sobre quais são os valores que a sociedade vem incentivando hoje, já significa comprometimento e desejo de melhorias. Substituir o lucro pela gratuidade da vida, preocupar-se e mobilizar-se com as pessoas e a sua dignidade, estejam elas próximas ou distantes, são formas de gerar progresso. Mais que uma evolução tecnológica, a sociedade necessita de um progresso ético.

O primeiro passo para tal, surge de um agir prudente, humilde e principalmente, responsável, que podem ser identificadas como as três grandes virtudes do agir bioético. Não há mais tempo a se perder, não se pode correr mais riscos, a construção de um futuro harmônico depende de todos que vivem no tempo presente. É preciso acreditar nas pessoas de hoje para que o amanhã seja possível.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário da Gama Kury. 1. ed. Brasília: Editora Madamu, 2020. 290 p.

BRÍGIDO, E. I. **Filosofia da linguagem e da mente: linguistic turn**. Anotações pessoais, 2019.

BRÍGIDO, E. I.; VALLE, B. **Wittgenstein: a ética e a constituição do gênio**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2018. 236 p.

DURAND, G. **Introdução geral à bioética: história, conceitos e instrumentos**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 431 p.

JONAS, H. **O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia**. Tradução de Lilian Simone Godoy Fonseca. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016. 36 p. (Coleção Ethos)

\_\_\_\_\_. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. 354 p.

\_\_\_\_\_. **Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade**. Tradução do grupo de trabalho Hans Jonas da ANPOF. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013. 328 p.

MARCONDES, D. As origens do pensamento moderno e a ideia de modernidade. In: \_\_\_\_\_. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 139-141.

OLIVEIRA, J.; MORETTO, G.; SGANZERLA, A. **Vida, técnica e responsabilidade: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2015. 195 p. (Coleção Ethos)

POTTER, V. R. **Bioética: ponte para o futuro**. Tradução e notas de Diego Carlos Zanella, prefácio de Leo Pressini. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. 207 p.

TIBURI, M. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, C. et al. **Ética e pós-verdade**. 1. ed. São Paulo: Dublinense, 2017. p. 81-108.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 208 p.

ZUBEN, A. M. V. Fundamentos e extensão da teoria ética de Kant. In: MARMILICZ, A. (Org.); BALSAN, L. (Org.). **Ética e misericórdia**. Curitiba: Éfetagraf, 2016. p. 97-157.

ZUBEN, A. M. V. **Teoria do conhecimento**: Leibniz. Anotações pessoais, 2019.

